

Convite à devoração

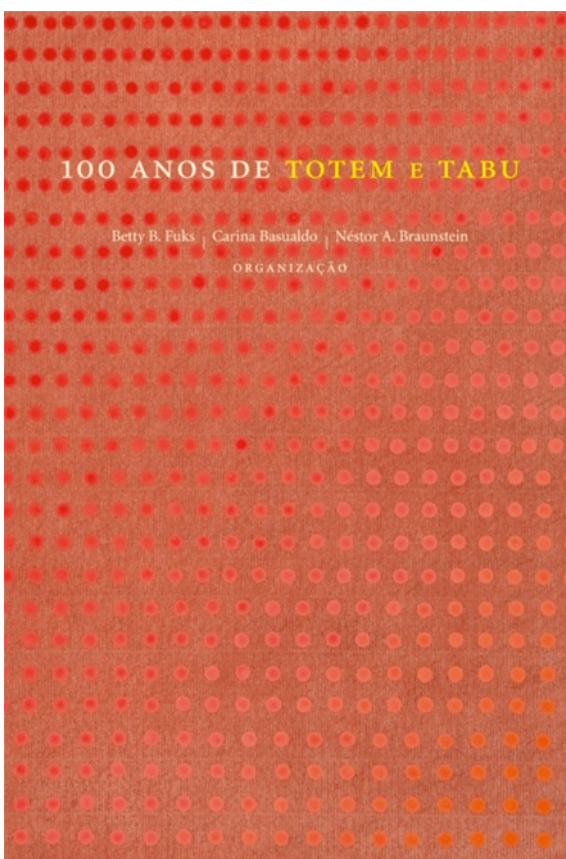
Resenha do livro *100 anos de Totem e tabu*. [Organização:] Betty B. Fuks, Carina Basualdo, Néstor A. Braunstein. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013. 256 p.

Luiz Moreno Guimarães

Mestre pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e estudante de Letras Clássicas da mesma Universidade. Endereço eletrônico: luiz.moreno@usp.br

Thiago Emanuel Luzzi

Estudante de Psicologia da Universidade de São Paulo. Endereço eletrônico: thiago.galvao@usp.br



Não se trata apenas de rastrear, na vida psíquica dos povos, certos acontecimentos e correlações comparáveis àquelas reveladas pela psicanálise no indivíduo; trata-se também de *arriscar-se* na tentativa de esclarecer, por meio das ideias psicanalíticas, o que na psicologia dos povos permanece obscuro e duvidoso. *A jovem ciência psicanalítica quer, por assim dizer, restituir o que, em seu começo, recebeu de outras áreas científicas, esperando devolver ainda mais do que recebeu* (Freud, 1912/2013, p. 33, grifo nosso).

Esta citação de Freud – que, como veremos, era inédita em português até a presente publicação comemorativa do centenário – resume o intento maior dos onze ensaios que compõem o livro *100 anos de Totem e tabu*, além de definir um princípio ético de toda incursão psicanalítica por diferentes campos do saber: cada autor, a sua maneira, se arriscou a devolver ainda mais do que recebeu. É nesse sentido que seus trabalhos são semelhantes ao do chiste, que toma emprestado elementos avulsos, submete-os a outra lógica e os devolve – com surpresa e revelação – ao mundo.

Organizado por Betty B. Fuks, Carina Basualdo e Néstor A. Braunstein e publicado simultaneamente em espanhol, como o título *Freud: a cien años de Tótem y tabú* (México D. F.: Siglo XXI), e em francês, *Totem et tabou, cent ans après* (Lormont: Le Bord de L’Eau), o livro ganha agora sua versão em português (Rio de Janeiro: Contracapa), com acréscimos da maior importância. O leitor perceberá que se trata de um empreendimento de organização e editoração louváveis – e que faz jus à constelação de textos que compõe o livro.

I.

100 anos de Totem e tabu está dividido em quatro partes e possui onze ensaios de diferentes autores. A primeira parte, contudo, é dedicada a um retorno à atmosfera de composição e recepção de *Totem e tabu*. Nela encontramos extratos da correspondência de Freud e de seus colaboradores que vão desde as primeiras intuições enviadas à Fliess – “Doideira? Psicomitologia?” (p. 17) se perguntava Freud em 1897 – até o pedido de observações ou críticas

feito a Jones em 1913 – dessa “aventura mais ousada em que me meti” (p. 28) –; passando por Jung, Ferenczi, Abraham e Pfister; de tal forma que conclui: “estou todo em Totem e tabu” (p. 21).

Segue-se a esses fragmentos um curto texto de Freud de cinco parágrafos, inédito em português; trata-se da *Introdução* ao primeiro ensaio de *Totem e tabu*, “O horror ao incesto”, publicado na revista *Imago* em março de 1912. Esta *Introdução* foi suprimida na ocasião em que os quatro ensaios freudianos foram agrupados em forma de livro em 1913. Sabemos, principalmente pelo *Projeto para uma psicologia científica* de 1895, que os textos que o próprio Freud não incorporou às suas obras são de tal riqueza que não raro nos perguntamos o motivo de sua exclusão – não é diferente com esta *Introdução*. Os organizadores conjecturam que “a menção a Jung e a seus alunos acerca da relação destes com a origem das ideias freudianas expressas em *Totem e tabu* tenha sido o principal motivo de sua supressão” (p. 36).

A leitura detida desses cinco parágrafos introdutórios ao primeiro ensaio – e, de certo modo, a todo *Totem e tabu* – permite-nos perceber que neles Freud aborda pontos da maior importância; entre eles, destacamos: (i) as relações entre a vida psíquica dos indivíduos e a psicologia dos povos (similar ao início de *Psicologia das massas e análise do eu*); (ii) uma resignificação primorosa do que se entende por psicanálise aplicada; (iii) a dificuldade inerente a essa forma de trabalho, isto é, a impossibilidade de abarcar – sem grandes lacunas – os dois campos requeridos para essa forma de análise (psicanálise e teorias provenientes de outros campos de saber); (iv) a pressa com que o texto foi publicado – prematuramente, sem período de incubação –, mas também ressaltando a necessidade dessa pressa: como quem diz sumaria e rapidamente o que há muito deveria ter sido dito. Em suma, Freud, em poucas linhas, deixa claro que com *Totem e tabu* trata-se de estabelecer as bases para “uma nova meta para trabalhos que vão além da psicologia individual” (p. 33).

De quebra, temos a chance de acompanhar e verificar a tradução no texto original em alemão que vem em notas de rodapé no caso dos extratos de correspondência e ao lado no caso da *Introdução*. O leitor, portanto, antes mesmo de entrar no corpo dos onze ensaios que compõem propriamente o livro, é transportado para essa atmosfera da ousada composição freudiana e da expectativa de recepção de *Totem e tabu*.

II.

“Tabu de hoje, totem de amanhã” é o título da segunda parte do livro que, parafraseando o título do quarto ensaio de *Totem e tabu*, pretende examinar o retorno ao totemismo hoje.

Anne Dufourmantelle propõe uma aproximação entre Freud e Wittgenstein: ambos se recusam “a opor o progresso das Luzes à visão dos ‘primitivos’, e propõe[m] que pensemos nossas próprias concepções de mundo como formações tão singulares e heterogêneas quanto as que são próprias a eles [aos primitivos]” (p. 40) – esse é, de certa forma, o tema central que reúne os quatro primeiros ensaios: o arcaico na contemporaneidade. A autora diferencia e relaciona *trauma* e *sacrifício*: se por um lado “A repetição do trauma é a repetição de uma cena *sem sujeito*” (p. 48, grifo da autora), por outro “o sacrifício totêmico retoma o cenário maligno fixado pelo trauma, mas o utiliza de outro modo” (p. 49): o sacrifício possibilita o aparecimento do sujeito na cena traumática e desta forma o retira da repetição demoníaca (daímon). Tais definições – tão próximas tanto da clínica psicanalítica como das observações etnográficas – nos lembram de imediato essa dupla filiação que fez surgir *Totem e tabu*.

A pergunta central do texto de Daniel Koren é: “Qual é enfim o destino do pai hoje?” (p. 75). O autor coloca em xeque uma série de diagnósticos provindos da psicanálise e de outros campos (filosofia, antropologia, sociologia etc.) que concluem o argumento com a degradação da figura paterna na contemporaneidade – leituras que em geral aproximam muito rapidamente “fatos” clínicos ou sociais a conceitos psicanalíticos. Evidenciando as inconsistências dessas leituras, o autor propõe uma divisão da figura do pai em três rubricas: Pai Hordinal, Pai

Hobsceno e Pai Hordinário – o que lhe permite localizar com maior precisão o desaparecimento e os *Destinos do pai* (título de seu texto).

Em *O pai primitivo e o pai digitalizado. Do Urvater ao Big Brother*, Néstor A. Braunstein nos oferece, no mais puro e propício estilo ensaístico, uma aproximação à forma do gozo contemporâneo, onde nossa “carne goza de sua alienação cibernética” (p. 85). O atual sistema de escrita universal (o binarismo sucessivo de zero e um) não requer nem tradução nem compreensão: ele se coloca como a metalinguagem virtual, da qual surge um novo objeto – “objeto @” – e um novo pai – “o pai mais-que-primitivo” (p. 94). O mérito do autor, entre outros, está em estabelecer a correspondência entre o primitivo e o pós-moderno, através da “fecundidade dos mitos, o pré-histórico de Freud e pós-histórico de Orwell” (p. 100): há algo de futurístico nessa cena fantástica e fantasmática, figurativizada em *Totem e tabu*, que estabelece a origem da vida social.

Octavio Chamizo, por sua vez, opera uma releitura da relação entre tabu e o ato de tocar. A situação paradoxal de hoje, que percorre todo o texto, é: se por um lado “Existe hoje, mais do que uma proibição, um convite, quase uma ordem, para tocar” (p. 104), onde tudo se encontra à mão, por outro lado “as expressões clínicas revelam a impossibilidade, a loucura e o despotismo aniquilador e alienante dessa aposta” (p. 104). O que nos lembra os versos de Drummond: “As coisas tangíveis / tornam-se insensíveis / a palma da mão” (1) – o texto de Chamizo é o desenvolvimento metapsicológico desse paradoxo.

III.

A terceira parte do livro, que recebeu o belo título *Entreato. Mais além da horda, excursões exogâmicas*, reúne textos que visam estabelecer diálogos – a partir de *Totem e tabu* – com outras áreas de saber.

Paola Mieli tece algumas notas sobre a função do pensamento no aparelho psíquico freudiano; seu texto retoma as teorizações freudianas acerca da questão da natureza do pensamento, de tal forma que percebemos que em *Totem e tabu* “a conceituação do processo de pensamento [é] um de seus aspectos essenciais” (p. 125). É interessante notar que a primeira excursão exogâmica do livro se dá justamente com um retorno à densidade da metapsicologia freudiana – paradoxalmente: todo “retorno a” é exogâmico.

Jacques Nassif deixa clara a intenção de seu texto já no título: *Entre Freud e Lacan, há Bataille*. Trata-se de contribuir “para discernir com precisão o que Lacan introduziu de novo e de diferente em relação a Freud” (p. 142) e isso requer um retorno a Bataille, “àquele de quem Lacan é mais diretamente tributário depois de Freud, sem que jamais tivesse julgado necessário pagar o que lhe devia” (p. 141-142). A análise de Bataille da soberania, relacionada com a interpretação freudiana do totem, evidencia uma leitura que foi apropriada por Lacan ao estabelecer a ética da psicanálise: Bataille ressurgiu então como esse “alicerce oculto da refundação da psicanálise por Lacan” (p. 146).

Carina Basualdo, acompanhando o desenvolvimento argumentativo em *As estruturas elementares do parentesco*, evidencia como o pai da antropologia estrutural a cada capítulo de seu livro retoma um diálogo indireto com *Totem e tabu* – apesar de citá-lo poucas vezes; esse diálogo é caracterizado – antes de tudo – por uma ambivalência marcada por um reconhecimento implícito. De tal forma que *Totem e tabu*, texto central para se pensar a noção de ambivalência, se tornou “objeto de uma denegação própria à ambivalência de Lévi-Strauss acerca da psicanálise freudiana” (p. 168) – ambivalência inicial que, de certa forma, influencia toda relação que se estabelece entre a antropologia e a psicanálise.

Patricia Gherovici, em *O escato-logos de Freud. Toletes da cultura*, acompanha outras incursões de Freud ao campo da antropologia para além de *Totem e tabu*, em especial à obra de John Gregory Bourke sobre os *Ritos escatológicos de todos os povos*. Retomando a interpretação freudiana do “cocô como o primeiro presente” dado pela criança, passando pelo apaixonante

levantamento de Bourke que enumera meticulosamente as diferentes formas de uso que os homens fizeram de seus próprios excrementos, a autora – pautada em Lacan – repensa a origem do pudor como “o véu que recobre essa instância mítica surgida quando uma parte do corpo caiu” (p. 185).

IV.

Temos, por fim, o facear sem medo do mal-estar, a ferocidade do contemporâneo. A quarta e última parte do livro convoca sem mais delongas ao pensamento político dentro da psicanálise, podendo os três últimos ensaios serem lidos como uma tentativa de responder a um par quiasmático de questões centrais: “que fazer com *Totem e Tabu*, diante do horror traumático que nos marca?” e “que fazer com esse mal-estar em que vivemos, diante da [já exposta] atualidade do centenário *Totem e Tabu*?”.

Betty B. Fuks e Caterina Koltai já formulam essa problemática, que marca todo o fim do livro, no título de seu texto: *Totem e Tabu depois de Auschwitz*; nele, é dado todo o peso à relação entre a “verdade histórica” do mítico assassinato do *Urvater* (o pai da horda primeva) e o horizonte ético daqueles que se inserem na psicanálise depois da Shoá. Cabe a cada um de nós “renovar o assassinato (subtrair o poder do Um), para que a escrita psíquica (o inconsciente) permaneça inexoravelmente voltada ao porvir” (p. 205). Essa verdade traumática que fala no inconsciente não pode ser apagada; pelo contrário, podemos dizer que se trata antes de recordar o assassinato do pai, repeti-lo, e a ele elaborar.

Uma versão dessa escrita, dessa elaboração, Márcio Seligmann-Silva nos põe à mesa em *Totem e tabu: o “mito científico” da era das catástrofes*; Freud empreendeu a composição de uma nova mitologia, uma inédita narrativa do pacto social, e “foi o primeiro a realizá-la na era de Darwin, ou seja, após a queda de nossa origem nobre e divina, e no contexto da Modernidade avançada” (p. 210). O autor é astuto ao afirmar que essa escrita tem caráter antropofágico, o que coloca novo olhar sobre a conhecida citação de Freud a Goethe, “Aquilo que herdaste de teus pais / conquista-o para fazê-lo teu” (p. 228), restando o convite à devora, que apenas se inicia, do pai-Freud e do mitema que ele, a partir do método que fundou, (re)construiu.

Em *A ressurgência do tirano como inscrição denegada da constituição da fratria*, o *Totem e Tabu* freudiano figura no debate com a “vida nua”, trabalhada por Giorgio Agamben a partir de sua leitura de Benjamin; Paulo Endo nos oferece nesse texto o significante “homem tabu” (p. 240) como versão de *homo sacer* (a partir do caráter antitético que Freud nos faz notar nessas duas palavras análogas, *tabu* e *sacer*, já no início de *Totem*) e isso para que possamos compreender como sistêmica a produção da violência dentro de nossos modelos jurídicos. Tudo se passa como se vivêssemos os frutos da falta de *autoria* do impulsivo e apaixonado parricídio original, e portanto uma certa *desautorização* de inscrição na fratria que permite sempre que uns sejam “mais irmãos” que os outros, estando autorizada por sua vez a ressurgência do tirano, da sua massa/horda de algozes, e daqueles que reviverão na pele a matança e o extermínio que restara irreconhecido (p. 249). Aqui, podemos adicionar à escrita mitológica de Freud a escrita e a fala testemunhal, que não tentam reconstruir uma objetividade pura dos fatos, apurá-los, mas conferir “singularidade ao ato de dizer” (p. 247). A análise permanece como espaço possível para, entre dois, se fazer testemunhar o inconsciente.

Na última frase do *Seminário* sobre a ética da psicanálise encontramos: “o importante é saber o que dará o livro quando tiver sido totalmente comido” (2). Cem anos depois, surge entre nós um livro que nos convida e nos convoca a devorar – em uma devoração ética – *Totem e tabu* (3).

Notas

RESENHA

- (1) DRUMMOND, C. Memória. In: _____. *Claro enigma*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 34.
- (2) LACAN, J. (1959-1960) *Le séminaire – livre VII: L'éthique de la psychanalyse*. Paris : Seuil, 1986. p. 375.
- (3) Um possível roteiro de leitura que sugerimos é: (i) ler a primeira parte do livro, que nos conduz à atmosfera de composição de *Totem e tabu*, sobretudo com os fragmentos de correspondência, além de trazer essa primorosa *Introdução* de Freud ao primeiro ensaio, inédita em português; (ii) reler *Totem e tabu*; (iii) ler os ensaios que compõem o livro. Tal sequência deixa evidente a singularidade com que cada autor se apropriou do texto freudiano; em termos mitológicos: evidencia-se como cada comensal devorou o mito científico do pai.

Recbido em: 11/04/2013

Aprovado em: 12/11/2013